

Canções da Alma

Por José Sousa Machado

‘Serás tanto mais senhor da harmonia
quanto mais frequentemente a ti voltares’

Marco Aurélio

Os desenhos/pinturas de Adua Guerra Santos, agora em exposição sob o título “Imaginal”, apresentam-se como um véu que encobre a existência de algo para o qual não existem palavras, nem tão pouco representação.

São exercícios espirituais transpostos para um suporte material; meditações do coração que privilegiam o conhecimento intuitivo sobre o discurso racional. Esgravatam incessantemente sob a selva difusa dos sentidos, buscando a raiz do mistério sobre o qual assenta o assombro de tudo o que existe.

Estes desenhos/pinturas sobre papel, anunciam que o simples facto de existirem - de existirmos - coloca-(n)os no centro do maior dos maravilhamentos. O véu semântico que conformam é (apenas) a ocultação da sua essência sem qualquer qualificação. Sem como, nem onde, nem quando...sem antes, nem depois.

Desta sobreposição de um discurso imagético alegórico sobre o inconcebível abismo ontológico que nos habita resulta a qualidade simbolista destes trabalhos e o seu carácter esotérico também, em estreita afinidade com uma longuíssima tradição mística ocultista e/ou especulativa onde pontificam, entre tantos outros, William Blake, os pintores e poetas pré-rafaelitas ou ainda espiritualistas herméticos como Swedenborg.

Tal como para eles, também para Adua Guerra Santos, o excessivo e ostentatório espectáculo da matéria impede a apreensão dos planos espirituais subtis, onde está plantada a semente imperecível – “Fazemos a ascensão a partir das (coisas) mais ínfimas até às mais importantes,

procedendo por eliminação sistemática, a fim de conhecer sem véus aquele não-saber que em todos os seres se encontra velado por tudo o que conhecemos” (Dionísio Areopagita, *Teologia Mística*).

Este itinerário enunciado pelo Aeropagita não é outra coisa, então, senão uma consciência totalizante do ser no plano da manifestação, acedendo, ainda que por breves instantes, à comunicação fluente com realidades superiores do ser, fundeadas em outras paragens da existência - “este instante eterno sempre novo” de que falava Mestre Eckhart (in DW, 1).

A operação de espiritualização da matéria opera-se num diálogo interior com o próprio objecto da nossa fé - pois “sem esperança, não se encontra o inesperado” (Heraclito, frag. B 18). Este intercâmbio operativo concretiza-se num plano que designarei de ‘intuição de certeza’, no qual os sentidos, a razão e os afectos intervêm ao serviço de realidades invisíveis que se manifestam com a mesma espessura de realidade daquilo a que chamamos objectividade. Tal estado de consciência – purgativo, iluminativo ou unitivo – pressupõe o total silenciamento do indivíduo, até que sujeito, objecto e conhecimento se unam num estado contemplativo - “se alguém quiser saber o que é o espírito, ou a essência de Deus, incline a fronte em sua direcção e mantenha o rosto colado, assim...” (Jalal al-Din Rumi, *Assim*).

Num pequeno texto intitulado “Limiar”, Giorgio Agamben relata um episódio do final da vida de Damáscio, último escolarca da escola filosófica de Atenas, encerrada no ano 529 por decreto do imperador Justiniano. Temendo possíveis perseguições, Damáscio carregou um carro com livros e instrumentos, e procurou refugio na corte do rei dos persas, Khosrô Anocharvan. “Os bárbaros – escreve Agamben – tinham salvo aquela puríssima tradição helénica que os gregos (...) já não eram dignos de guardar”. Após alguns meses de vida na corte, o respeitável ancião decidiu retirar-se e consagrar os últimos tempos de sua vida à redacção de uma obra que intitulou “Aporias e Soluções em torno dos Principios Primeiros”.

Reza a tradição que o velho escolarca trabalhou na sua obra durante 300 dias, interrompendo frequentemente o trabalho, ante a vacuidade dos resultados alcançados. Nesses períodos de interrupção escrevia frases como “apesar da nossa demorada investigação, não chegámos a conclusões nenhuma”, ou então, “tudo o que acabámos de escrever tenha o destino que a Deus aprouver”. Ou ainda; “na minha exposição há apenas uma coisa louvável: o ela se condenar a si mesma, reconhecendo que não vê claro,

que é incapaz de olhar para a luz”, concluindo que o incognoscível não pode ser expresso nem sequer como inexprimível.

Até que um dia, casualmente, olhando para a tabuinha branca e vazia na qual anotava os seus pensamentos, ocorreu-lhe que também o Uno, o Todo, o inefável, só podia ser uma espécie de halo plano e liso no qual nenhum ponto se distingue dos demais e concluiu que “o limite último que o pensamento pode atingir não é um ser,(...) mas a própria potência absoluta, a pura potência da própria representação: a tabuinha para escrever!”

(Giorgio Agamben). Aquilo que ele pensara ser o absolutamente Outro do pensamento, era afinal a potência mesma do pensamento. Ou seja, “aquilo que não podia deixar de se escrever, era a imagem daquilo que nunca deixava de não se escrever. No Uno espelhava-se o outro”(Ibdem).

Compreendeu então que conhecendo a incognoscibilidade do outro, não conhecemos alguma coisa dele, mas alguma coisa de nós. Exactamente como sucede no jogo de espelhos entre representação e obscuridade patente nestas obras de Adua Guerra Santos, das quais emana um frémito, uma latência, uma pulsação - a “Dynamis”, considerada por Platão como uma força interior, activa nas coisas; a força criadora do Universo.

